

**A REDENÇÃO ATRAVÉS DA MORTE DAS PERSONAGENS
AUGUSTO MATRAGA DO CONTO *A HORA E A VEZ DE AUGUSTO
MATRAGA*, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA E JOÃO DE SANTO
CRISTO, DA LETRA DA MÚSICA *FAROESTE CABOCLO* DE
RENATO RUSSO**

**THE REDEMPTION THROUGH DEATH OF CHARACTERS
AUGUSTO MATRAGA FROM *TALE TIME AND TURN OF
AUGUSTO MATRAGA*, OF GUIMARÃES ROSA AND JOÃO DE
SANTO CRISTO FROM SONG LYRICS *FAROESTE CABOCLO* OF
RENATO RUSSO**

Évilen Tris Dos Santos¹
Prof.^a Dr.^a Josiane Aparecida Franzó²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a comparação e análise da personagem Augusto Matraga do conto *A hora e a vez de Augusto Matraga* que faz parte dos textos que compõem o livro *Sagarana* do autor João Guimarães Rosa e a personagem João de Santo Cristo da letra musical *Faroeste Caboclo* do compositor Renato Russo. A análise e comparação são com base na trajetória e consequente transformação de vida das personagens, focalizando-se nos aspectos relativos à redenção, visto que, nas narrativas ambas as personagens possuem fases e faces diferentes. A dualidade das personagens e a incansável luta entre o bem e o mal na tentativa de alcançarem a redenção de seus pecados através do amor e da morte também serão apontadas neste trabalho, ainda que superficialmente.

Palavras-chave: Trajetória. Personagens. Redenção.

Abstract. This study aims to compare and analyze the character Augusto Matraga from tale *Time and turn of Augusto Matraga*, that is part of the texts of the *Sagarana* book written by João Guimarães Rosa and character of João de Santo Cristo from song lyrics *Faroeste Caboclo* written by the composer Renato Russo. The analysis and comparison are based on the trajectory and consequent transformation of the lives of characters, focusing on aspects of the redemption, whereas the narratives both characters have different phases and faces. The duality of the characters and a relentless struggle between good and evil in an attempt to achieve the redemption of their sins through love and death will also be aimed in this work although superficially.

Keywords: Trajectory. Characters. Redemption.

¹ Graduanda em Letras - Habilitação Plena Português/Inglês e suas respectivas Literaturas pela Faculdade Santa Amélia (SECAL). evilentrissantos@gmail.com

² Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). josiane@secal.edu.br

Sumário: 1. Introdução - 2. Personalidades Perversas - 3. Declínio de Poder - 4. Arrependimento -, 5. Resistindo à Tentação - 6. Morte e Redenção- 7. Considerações -. Finais - 8. Referências.

1. INTRODUÇÃO

O escritor João Guimarães Rosa nasceu em 1908 na cidade de, Cordisburgo, em Minas Gerais. Autodidata, principalmente na aquisição de línguas estrangeiras, cursou faculdade de Medicina em Minas Gerais e passou a exercer a profissão no interior do Estado, o que lhe proporcionou seu primeiro contato com a realidade do sertão. Sua estreia literária foi em 1929 quando a revista *O Cruzeiro* publica alguns de seus contos e seu primeiro livro foi *Sagarana*, publicado em 1946. Essa obra é composta por nove contos que enfatizam as belezas das fazendas mineiras em uma linguagem carregada de simbologias e regionalismo. Vale ressaltar, que inicialmente essa obra chamava-se *Contos*, quando concorreu ao prêmio Humberto de Campos, sendo que só dez anos depois é que recebeu o título de *Sagarana*.

Como informa a escritora Tânia Macedo, o vocábulo *Sagarana* não existe, é um neologismo, uma palavra inventada pelo autor, construída através da aglutinação de Saga (lenda) -rana (sufixo tupi significando semelhante a). Para Macedo, as produções das narrativas assemelham-se a histórias que ficam na imaginação popular virando lenda, são “causos” do sertão que receberam um tratamento artístico do escritor por meio da linguagem utilizada nas narrativas que levam o leitor à reflexão da experiência humana vivenciada através das personagens que lutam para vencer suas fraquezas, tornando-se heróis do sertão³.

O cantor e compositor Renato Manfredini Júnior, conhecido por Renato Russo, nasceu no Rio de Janeiro em 1960. Foi poeta, professor de Inglês e jornalista, porém, o que marcou seu nome na história do país foi seu trabalho como compositor.

³ MACEDO, Tânia. **Guimarães Rosa**/Série Ponto Por Ponto. São Paulo: Ática, 1988, p.16.

Vocalista e fundador de uma das mais célebres bandas de rock do Brasil, Legião Urbana, Renato Russo foi responsável pela composição de diversas músicas que lhe renderam o título de um dos 100 maiores artistas brasileiros. A música *Faroeste Caboclo* do álbum *Que País é Este*, lançado em 1987, na qual é contada a história de João de Santo Cristo, tornou-se um dos seus maiores sucessos, originando, inclusive, um filme baseado nessa canção.

De conhecimento dessas duas obras, a literária e a musical, percebeu-se que a trajetória de vida das personagens Augusto Matraga do conto *A hora e a vez de Augusto Matraga* - pertencente ao livro *Sagarana* e João de Santo Cristo, da letra musical *Faroeste Caboclo*, possuem características semelhantes como a dualidade de suas personalidades e a luta constante entre o bem e do mal.

Nessa perspectiva, o presente estudo busca compreender de que forma ocorrem essas transformações na vida das personagens ao longo das narrativas, atentando aos aspectos que dizem respeito à busca de redenção de ambas.

2. PERSONALIDADES PERVERSAS

O conto *A hora e a vez de Augusto Matraga* inicia-se com o protagonista sendo chamado por Augusto Estêves, mas já no primeiro parágrafo o narrador cita outros dois nomes Matraga e Nhô Augusto. São três nomes diferentes para uma mesma personagem e esses nomes são atribuídos conforme as diferentes fases que a personagem irá passar, ou seja, cada nome representa um momento distinto dentro da narrativa.

Já de princípio sabe-se do caráter violento atribuído à personagem totalmente fria que não demonstrava amor por sua filha e nem por sua esposa: “Duro, doído e sem detença, como um bicho grande do mato. E em casa sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela Dionóra gostava às vezes de sua boca de suas carnes só”⁴.

A narrativa prossegue demonstrando o caráter frívolo de Augusto Estêves que vive na farra com pessoas vulgares, entregue aos prazeres da vida, sem

⁴ ROSA, Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 368.

importar-se com os sentimentos dos outros, fato esse demonstrado no trecho da narrativa em que ocorre um leilão e ele arremata a Sariema:

E, aí, de repente, houve um deslocamento de gentes, e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. Depois, com voz de meio-dia, berrou para o leiloeiro Tião:

- Cinquenta mil-réis!

Ficou de mãos na cintura, sem dar rosto ao povo, mas pausando para os aplausos.

-Nhô Augusto! Nhô Augusto!

E insistiu fala mais forte:

-Cinquenta mil-réis, já disse! Dou-lhe uma! Dou-lhe duas! Dou-lhe duas-dou-lhe três! ...⁵

A personagem, além do seu caráter mau e arrogante ele possuía dinheiro que lhe dava prestígio e poder. O arremate de Sariema no leilão demonstra a sua frieza e sua ironia, uma vez que ele faz isso porque sabia que havia um capiau interessado pela moça, e por maldade ele oferece um valor alto no leilão, mostrando seu poder. Depois dessa atitude ele ridiculariza a moça:

- Que é?!...Você tem perna de Manuel-fonseca uma fina e outra seca! E está que é só osso, peixe cozido sem tempero...Capim p'ra mim com uma assombração dessas!...Vá se embora, frango d'água! Some daqui! E, empurrando a rapariga, que abriu a chorar o choro mais sentido de sua vida ⁶.

Na composição da letra *Faroeste Caboclo* temos a personagem João de Santo Cristo, que, se analisado seu nome, percebe-se uma forte simbologia bíblica, pois, João significa (agraciado por Deus) e também foi um apóstolos de Jesus. Cristo significa (redentor Messias), e é, também, um nome utilizado para referir-se a uma pessoa que sofre no lugar de outra. Assim, pode-se inferir que o nome de João carrega em si significado que remete à religiosidade e à santidade.

A letra da música inicialmente apresenta um menino que quando criança teve uma vida sofrida e, com a perda do pai, muda sua personalidade tornando-se frio, violento e com desejo de vingança:

Quando criança só pensava em ser bandido
Ainda mais quando com um tiro de soldado o pai morreu
Era o terror da Sertânia onde morava
E na escola até o professor com ele aprendeu

⁵ ROSA, Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010 p.364.

⁶ Ibid., p. 367

la pra igreja só pra roubar o dinheiro
Que as velhinhas colocavam na caixinha do altar
Sentia mesmo que era mesmo diferente
Sentia que aquilo ali não era o seu lugar
Ele queria sair para ver o mar
E as coisas que ele via na televisão⁷

A narrativa prossegue mostrando o caráter mau de João, que na infância quando perde o seu pai de forma violenta, como visto acima, passa por uma mudança psicológica a qual o rancor impera. Sua orfandade paterna despertou-lhe uma rebeldia que o faz tornar-se frio e perverso.

Nos versos “sentia mesmo que era mesmo diferente sentia que aquilo ali não era o seu lugar”, fica evidente que ele acha-se diferente dos demais e desejava sair daquele lugar, ansiava por sua liberdade. Assim, decide sair da Bahia, sua cidade natal, e vai para Brasília em busca de uma vida melhor: “Não entendia como a vida funcionava discriminação por causa da sua classe e sua cor”⁸. Nesse trecho é possível perceber a inquietação da personagem que tenta entender as circunstâncias da vida e do porquê é discriminado. Nota-se que João é retratado como uma vítima da sociedade que sofre preconceito por sua classe e cor, alguém que era excluído dos demais por ser diferente. E, o seu comportamento rebelde é o reflexo de sua vida sofrida, ele culpa o sistema ao qual estava inserido.

Quando João chega a Brasília, na tentativa de uma vida diferente, inicialmente pensa em trabalhar como carpinteiro. Segundo afirma Luiz Gonzaga Motta, o herói busca se reconciliar com o bem, a expressão “rapaz trabalhador” o qualifica diferenciando das qualidades perversas de antes. Mas, quando ele se depara com uma realidade diferente do sertão de onde veio, sente-se frustrado. Contudo, mesmo assim tenta seguir com a ideia de trabalhar dignamente “até a morte trabalhava”, porém, ele não consegue sustentar-se e, desse modo, acaba sendo vencido pelo cansaço⁹.

⁷ RUSSO, Renato. **Que País é Esse**. 1987

⁸ Ibid.

⁹ MOTTA, Luiz Gonzaga. **A narrativa mediada e a permanência da tradição**: percurso de um anti-herói brasileiro. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, DF, n. 38, 2012. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/6700/5411> >. Acesso em: 13 set. 2016.

3. DECLÍNIO DE PODER

A trajetória de João acaba tomando outros rumos quando ele conhece seu primo Pablo, um peruano que vivia na Bolívia e traficava drogas. Ele é quem o influencia a mudar, pois João volta às suas origens perversas, tornando-se traficante também, consegue ganhar muito dinheiro e ser bem-sucedido. João alcança poder através da marginalidade fazendo amigos e frequentando lugares nobres da classe média alta de Brasília. Ele assume de vez o caráter perverso quando começa a roubar e com isso sofre um declínio, pois ele é preso pela segunda vez. Sentindo a amargura e a violência na prisão, sofrendo tortura e estupro, ele vai pela primeira vez ao inferno.

A personagem Augusto Estêves também passa por uma mudança profunda em sua vida, visto que era um homem poderoso, rodeado de capangas prestigiado e temido pela sociedade. Sobre isso Macedo irá dizer:

Todo o prestígio de Nhô Augusto Estêves se fundamenta em elementos externos a ele: o sobrenome da *família*, as propriedades *herdadas* e a ajuda dos *capangas*. Ele, em si é apenas um homem “duro, doido sem detença, como um bicho grande do mato”. Um ser animalizado, que tem como única *referência* os seus instintos (grifos do autor)¹⁰.

A decadência na vida da personagem é notada quando começam a surgir dívidas das terras e ele não possui mais créditos. Com isso seus capangas o abandonam, sua esposa Dionóra se interessa por Olvídio Moura com o qual foge levando também a filha Mimita. Com todos esses infortúnios, Augusto Estêves ficou sozinho, entretanto, isso faz com que ocorra uma nova fase em sua vida, pois, esse declínio de poder faz com que ele sinta o desejo de vingança. Assim, ele vai primeiro à fazenda do Major Consilva vingar-se dele e depois matar Dionóra e Ovídio, mas acaba na mão dos capangas de seu inimigo:

- Arrastem para longe de minhas terras...Marquem a ferro, depois matem. {...} Puxaram e arrastaram Nhô Augusto, pelo atalho do rancho do Barranco, que ficou sendo como um caminho de pragas e judiação.

¹⁰ MACEDO, Tânia. **Guimarães Rosa**/Série Ponto Por Ponto. São Paulo: Ática, 1988, p.33.

E quando chegaram ao rancho do Barranco, ao fim da légua, e Nhô Augusto já vinha que quase só carregado, meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue{...} E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do major- que soía um triângulo inscrito numa circunferência – e imprimiram-na, com um chiado, chamosco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram-se todos, num, susto porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e um salto, medonho.
-Segura!
Mas já ele alcançara a orba do barranco e pulara no espaço.
Era uma altura. O Corpo rolou, lá em baixo nas moitas se sumindo¹¹

Após todos esses acontecimentos, a personagem Augusto Estêves deixa de existir, passando a ser Nhô Augusto, não é mais o homem de posses de antes, não possui mais família, mais nada e é dado como morto. Como diz o Major Consilva “Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves das Pindaíbas”¹².

A queda pode referir-se a dois significados distintos, primeiramente ele sofre a queda financeira, quando perde todos os seus bens e depois sofre a queda física, sendo lançado de uma ribanceira.

4. ARREPENDIMENTO

Nesse momento em que está entre a vida e a morte é o primeiro passo de renascimento da personagem, porque Nhô Augusto não morre, e sim tem outra chance quando um casal de pretos o encontra todo ferido e movidos de compaixão decidem ajudá-lo levando-o para a cabana onde moravam. Denota-se, assim, que o renascer da personagem é entre pessoas humildes: “(...) o casebre dos dois, que era um cofo de barro seco, sob um tufo de capim podre, mal erguido e mal avistado, no meio das árvores, como um ninho de maranhões”¹³.

Dessa acolhida por parte do casal, subentende-se que Nhô Augusto era como um pássaro ferido que estava sob os cuidados dos pretos que, com o passar do tempo, vai recuperando-se: “E desse modo ele se doeu no enxergão, muitos meses, porque os ossos tomavam tempo para se juntar, e a fratura exposta criara bicheira. Mas os pretos cuidavam muito dele, não arrefecendo na dedicação”. Sob os cuidados do casal de pretos começa então sua jornada pela

¹¹ ROSA, Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010 p.375.

¹² Ibid., p.375.

¹³ Ibid., p.376.

redenção e a busca pela salvação de sua vida. Ainda convivendo com o casal ele recebe a visita de um padre que o aconselha despertando-lhe o sentimento de esperança e recomeço:

Você não deve pensar mais em mulher, nem em vinganças. Entregue para Deus, faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do céu, que é que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito!

- Fé eu tenho, fé eu peço Padre...

-Você nunca trabalhou, não é? Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros sempre que puder. Modere esse mau gênio: Faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta jaculatória: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso”...¹⁴

Os conselhos do padre fazem com que ele reflita e sinta horror a todas as suas maldades, a ponto de ele se questionar se Deus era capaz de perdoá-lo por ter sido tão cruel e pecador. Desse modo, ele toma a decisão de esquecer as coisas erradas que praticara e com determinação pretende tornar-se um homem de bem, todavia, com foco em alcançar a sua redenção.

Quando sente que está recuperado, Nhô Augusto decide mudar para um sítio no Tombador, o único bem que lhe restara, nessa mudança o casal de pretos samaritanos o acompanha.

Vale lembrar que o momento na narrativa que comprova seu arrependimento e renúncia à vingança é quando ele se lembra de sua família:

(...) se lembrou da mulher e da filha. Sem raiva, sem sofrimento, mesmo, só com uma falta de ar enorme, sufocando. (...) Até que pôde chorar, e chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma de menino ao abandono. E, sem saber, sem poder, chamou alto soluçando:

- Mãe...Mãe...¹⁵

Nhô Augusto traça, então, sua trajetória, indo à busca de sua redenção. Já morando no Tombador ele trabalha, adquire o hábito de rezar e abandona os vícios. Vivendo por seis anos de penitência, ele busca a autocrítica e firma-se na religiosidade para aprender a controlar seus instintos: “Lembrava-se do conselho

¹⁴ ROSA, Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010 p. 379.

¹⁵ Ibid., p. 378.

do padre “Cada um tem sua hora e sua vez: você há de ter a sua.” E pensava consigo “ P´ra o céu eu vou nem que seja a porrete”!....¹⁶

Ainda focado em sua redenção, outra fase está prestes a surgir para Nhô Augusto que é a chegada do temido bando do jagunço, Joãozinho Bem-Bem:

Vindos do Norte, da fronteira velha-de guerra, bem montados bem enroupados, bem apessoados, chegaram uns oito homens que de longe se via que eram valentões: primeiro surgiu um, dianteiro, escoteiro, que percorreu, de ponta a ponta, o povoado, pedindo água à porta de uma casa, pedindo pousada em outra, espiando muito para tudo e fazendo pergunta e pergunta; depois, então apareceram os outros, equipados com um despropósito de armas – carabinas, novinhas quase; garruchas, de um e dois canos; revólveres de boas marcas; facas, punhais, quicés de cabos esculpidos; porretes e facões, - e transportando um excesso de breves nos pescoços.¹⁷

Nhô Augusto acolhe o bando de Joãozinho Bem-bem, com o qual faz amizade, sendo convidado a se juntar, mas novamente resiste a voltar para essa vida: “-Ah não posso! Não me tenta que não posso seu Joãozinho Bem-Bem!”.

Segundo Macedo, a relação que se estabelece entre essas duas personagens - Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem, é a diferença, visto que são totalmente opostas: um é chefe jagunço e tem em seu bando um Flosino Capeta do qual nunca separa. O outro é um homem de Deus que faz penitência, reza e trabalha, entretanto, há algo que eles possuem em comum: A valentia de ambos, por isso há um laço de amizade entre eles, e o bando consegue despertar os sentimentos reprimidos de Nhô Augusto¹⁸.

João de Santo Cristo, também, passa por uma fase de arrependimento de seus pecados, esse momento se dá quando conhece Maria Lúcia, moça pela qual ele fica deslumbrado e se apaixona perdidamente:

Foi quando conheceu uma menina
E de todos os seus pecados ele se arrependeu
Maria Lúcia era uma menina linda
E o coração dele pra ela o Santo Cristo prometeu
Ele dizia que queria se casar
E carpinteiro ele voltou a ser

¹⁶ ROSA, Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p.381.

¹⁷ Ibid., p.389.

¹⁸ MACEDO, Tânia. **Guimarães Rosa/Série Ponto Por Ponto**. São Paulo: Ática, 1988, p.37.

Maria Lúcia pra sempre vou te amar
E um filho com você eu quero ter¹⁹

O rapaz esquece o desejo de vingança, uma vez que o sentimento de amor pela moça o faz refletir sobre sua vida. Nesse momento observa-se uma forte mudança psicológica na personagem, visto que, percebe-se que ele quer reconciliar-se com o bem, voltando a trabalhar como carpinteiro e fazendo planos de se casar com Maria Lúcia, ter filhos, construir uma família.

5. RESISTINDO À TENTAÇÃO

A personagem Nhô Augusto certa vez encontra com um conhecido chamado Tião que lhe conta apenas notícias ruins. Que sua filha Mimita havia se perdido na vida e Quim havia morrido por sua causa. Ele fica entristecido e pensa em vingar a morte do companheiro. Esse desejo de vingança, que demonstra que sua essência continua permeada pela violência. Nas palavras de Macedo: “Há, no entanto, uma característica que não consegue ser afastada totalmente do caráter de Augusto: a violência. Afinal, esse é um dos traços fundamentais da sociedade rural em que Matraga fora criado”. Contudo, a personagem tenta resistir a esse sentimento, pois sabe que será através da penitência que irá alcançar sua redenção e decide esperar por sua hora e sua vez.

Se comparado ao personagem de Guimarães Rosa, João de Santo Cristo também é seduzido para o mal. Mas, quando um senhor lhe faz uma proposta para que ele colocasse uma bomba onde mataria muitas pessoas, João se recusa fazer isso, provando que houve mudança em suas ações. Todavia, sabe-se que essa mudança é temporária, porque ele acaba voltando a transgredir, bebendo e envolvendo-se na criminalidade, trazendo contrabando da Bolívia e revendendo no Brasil.

6. MORTE E REDENÇÃO

¹⁹ RUSSO, Renato. **Que País é Esse**. 1987.

João terá sua segunda queda quando descobre que sua amada - Maria Lúcia, de quem sentia saudades, é amante de seu inimigo Jeremias e que está esperando um filho dele. Frustrado ele vai ao inferno pela segunda vez.

A personagem podia seguir o caminho do bem, perdendo seu adversário e sua amada Maria Lúcia, todavia, diante desses acontecimentos, volta em João o desejo de vingar-se, porque assim como Nhô Augusto, ele também possuía a valentia e violência dentro de si: “Santo Cristo era só ódio por dentro”²⁰

Voltando à sua maldade de antes, e, cego por vingança, decide travar um duelo com Jeremias e, também, matar sua ex-amada. O duelo estabelecido por João tinha data e hora marcada. Segundo Motta, os versos a seguir novamente remetem a uma crítica à sociedade:²¹

E Santo Cristo não sabia o que fazer
Quando viu o repórter da televisão
Que deu notícia do duelo na Tv
Dizendo a hora o local e a razão
No sábado, então às duas horas
Todo o povo sem demora
Foi lá só pra assistir²²

Jeremias é descrito como covarde, pois ele atira pelas costas de João, e então quando o sangue começa a subir na garganta João de Santo Cristo, ele rememora a sua vida, principalmente sua infância.

O rapaz, então ferido, tenta achar uma saída, quando reconhece sua amada que lhe traz a arma winchester 22 que ele ganhara de seu primo Pablo. Diante da morte e com desejo de matar Jeremias, João diz: “sou homem coisa que você não é”. Essa frase pode indicar que ele se sente superior a Jeremias, porque não é homem que atira pelas costas de seu inimigo. Assim, antes de matá-lo, ainda faz um apelo ao inimigo: olhar para o seu sangue e sentir o perdão, ou seja, João deseja morrer em paz. Por fim, já agonizando, ele dá cinco tiros em Jeremias, que acaba morrendo também. Maria Lúcia se arrepende da traição que cometeu e morre juntamente com João, seu protetor.

²⁰ RUSSO, Renato. **Que País é Esse**. 1987.

²¹ MOTTA, Luiz Gonzaga. **A narrativa mediada e a permanência da tradição**: percurso de um anti-herói brasileiro. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, DF, n. 38, 2012. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/6700/5411> >. Acesso em: 13 set. 2016.

²² Ibid.

Nhô Augusto, na nova fase de sua vida, começa a sentir prazer, atento à natureza, observa o voo dos pássaros e sente que também é sua hora de voar, ou seja, partir. Ele decide deixar Tombador, e montando em um jumento sai sem destino certo. No caminho encontra-se com o bando de Joãozinho Bem-Bem. Nesse momento sua vez e sua hora estão prestes a chegar, pois, o líder do bando quer vingar a morte de um de seus companheiros e para isto captura o pai do assassino que se ajoelhou pedindo perdão e piedade para não o matarem e deixarem sua família ilesa. O velho pede pelo corpo de Cristo: “– O senhor é poderoso, é dono do choro dos outros... Mas a Virgem Santíssima lhe dará o pago por não pisar em formiguinha do chão...Tem piedade de nós, seu Joãozinho Bem-Bem!...”²³

As palavras de súplica do velho não convencem o líder do bando, uma vez que era regra do sertão vingar morte. Entretanto, quando ele vai para matar o ancião Nhô Augusto interrompe, pedindo para o amigo ter compaixão, pois ele estava pedindo em nome de Nosso Senhor e Virgem Maria: “E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que nem Deus não manda e nem o diabo não faz! ”. Mas, apesar de Joãozinho Bem-Bem sentir simpatia por ele não tolera tamanho atrevimento. Assim ele e Nhô Augusto entram em um duelo que culminará em tragédia: “- Êpa! Nomopadrofilhospritosantamêin! Avança, cambada de filhos-da mãe, que chegou minha vez!...E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas, escurecida à fumaça dos tiros...”²⁴ Nesse momento tem-se o ápice do conto e da vida de Nhô Augusto. Sua tão esperada hora e vez enfim chega, pois os dois se ferem mortalmente.

Em suas últimas palavras Nhô Augusto pede para Joãozinho Bem-Bem para que morressem amigos e, também, para que o líder do bando se arrependa de seus pecados e morra como um cristão, porque, só assim iriam juntos para o céu. E, Joãozinho, prestes a morrer faz um último elogio ao companheiro dizendo que está morrendo na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que ele já conheceu. Ou seja, mesmo depois do duelo a empatia e amizade entre ambos continua, pois, eles desejam morrer sendo amigos.

²³ ROSA, Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 408.

²⁴ Ibid., p. 410.

Combinado isso, Nhô Augusto pede para que chamassem um padre para abençoar o caminho, enquanto o povo que presenciou a cena dizia: - “Foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mór de salvar as famílias da gente!...”²⁵

A partir desse momento a personagem assume outro nome - Augusto Matraga. Ou seja, no início da narrativa Matraga ainda não existia, somente depois de passar pelos sofrimentos e finalmente alcançar sua redenção é que passará a existir. Vale dizer que, sua redenção foi alcançada ao ajudar alguém que a princípio nem conhecia. Somente depois que o velho o reconhece e vê que eram conhecidos e meio parentes:

E o velho exclamava:

-Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!..Não deixem esse santo morrer assim...P’ra que foi que foram inventar arma de fogo meu Deus?!

Mas, Nhô Augusto tinha o rosto radiante e falou:

- Perguntem quem é aí que um dia já ouviu falar no nome de Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas!

- Virgem Santa! Eu logo vi que só podia ser você, meu primo Nhô Augusto...

Era o João Lomba, conhecido velho e meio parente. Nhô Augusto riu:

- E hein, hein João?!

- P’ra ver...

Então Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento.

Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrado, sumido:

- Põe a benção na minha filha...seja lá onde for que ela esteja...E, Dionóra...Fala com Dionóra que está tudo em ordem!

Depois, morreu.²⁶

Chegada a hora de sua morte Augusto Matraga tem a convicção de que sua alma será salva e irá para o céu, por isso ele pede para colocarem a benção em sua filha Mimita e, também, perdoa a esposa Dionóra. Isso denota que ele quer morrer em paz com todos, e, principalmente, com sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

²⁵ ROSA, Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p.412.

²⁶ Ibid., p. 413

Analisando ambas as personagens sabe-se que eram homens maus, mundanos que passaram por fases de arrependimento, buscaram encontrar-se no mundo, conquistaram fama, dinheiro e poder, mas perderam essas conquistas e entes queridos. Essas perdas fazem com que eles reflitam sobre seus atos e acabem mudando de vida, ainda que João de Santo Cristo sucumba posteriormente.

Augusto Matraga no decorrer do conto passa por três fases distintas, portanto, Ihe é atribuído três nomes que marcam sua trajetória de vida em uma luta do bem e do mal dentro de si mesmo. Ele renasce e almeja obter sua redenção, todavia, espera ansiosamente por sua hora e sua vez, mantendo dentro de si o desejo e a esperança de ir para o céu, “nem que seja a porrete”. E esse objetivo é alcançado, já que ele morre como herói para salvar vida, sendo aclamado como santo, como mártir que pagou por seus atos ruins e alcançou a redenção através de sua morte em paz com Deus e com os homens.

Situação parecida pode ser observada na trajetória de vida de Santo Cristo, visto que, pouco antes de sua morte ele perdoa seu inimigo e sua amada, morrendo em paz.

A personagem João de Santo Cristo também viveu na incansável busca entre o bem e o mal, mas o que o difere de Matraga é que ele alcança sua redenção no amor, mas fracassa em alguns momentos de sua vida. Frustrado com a vida e com a sociedade opressora em que viveu Santo Cristo foi, também, um mártir que sofreu pagando por seus atos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia de Promessas**: 5 ed. São Paulo: Revista e Corrigida, 2013.

MACEDO, Tânia. **Guimarães Rosa**: Série Ponto Por Ponto: São Paulo: Ática S.A, 1988.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A narrativa mediada e a permanência da tradição**: percurso de um anti-herói brasileiro. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, DF, n. 38, 2012. Disponível em: <

<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/6700/5411> >. Acesso em: 13 set. 2016.

RUSSO, Renato. **Que País é Esse**. 1987.

RIAMBAU Vanessa. **O herói roseano**: Augusto Matraga, da violência à santidade: Artigos da sessão livre - Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas PPG-LET-UFRGS - Porto Alegre Vol. 02 N. 02 - jul/dez 2006. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/4880/2795>>

ROSA, Guimarães. **Sagarana**: 71.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.